

**TELEJORNALISMO E A PANDEMIA:  
MEDIÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE JOVENS SOBRE A GRIPE  
SUÍNA<sup>1</sup>**

♦Sheila Irene Gorski Fernandes  
♦♦Felipe Harmata Marinho

**RESUMO**

*Utilizando-se de pesquisa de recepção com estudantes de 3º ano do Ensino Médio, o artigo pretende relacionar o caso da gripe suína mostrado pelos telejornais, à teoria das mediações (Martin-Barbero) (Orozco) e as Representações Sociais criadas diante do pico endêmico da doença na cidade de Curitiba.*

*Palavras-chaves: gripe suína; mediação; representações sociais.*

**ABSTRACT**

*Using the search reception with students from 3rd year of high school, the article seeks to relate the case of swine flu shown by television news, the theory of mediation (Martin-Barbero) (Orozco) and the Social Representations created before the peak endemic disease in the city of Curitiba.*

*Keywords: swine flu, mediation, social representations.*

**Biografia**

♦Graduada em jornalismo nas Faculdades Integradas do Brasil. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná – sheila\_irene@yahoo.com.br.

♦♦Jornalista, com especialização em comunicação e semiótica e mestrando em Ciências Sociais Aplicadas na UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa. É professor do curso de jornalismo da Unibrasil, editor-chefe do site da 91Rock e da Perfil Náutico. E-mail. feharmata@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

Em 2009 ocorreu a pandemia da gripe suína: doença causada por vírus que começou seu pico endêmico na América do Norte em abril do mesmo ano e rapidamente espalhou-se pelo mundo, chegando ao Brasil. Em agosto, em Curitiba, as escolas foram fechadas por causa da doença. Vestibulares mudaram suas datas. Telejornais – e demais meios de comunicação - cobrindo os casos, mortes, filas e falta de remédios, entre outros fatos, sendo mediadores e construtores do cotidiano da doença. Este é o cenário que deu início a essa pesquisa que pretende analisar a recepção telejornalística de jovens estudantes de Ensino Médio de Curitiba diante do caso da gripe suína, identificando as representações sociais nas falas destes. Perante a fala desses vestibulandos é traçada uma ligação com a mediação familiar e escolar, os entrevistados como sujeitos sociais cercados por múltiplas audiências e, diante de todo esse processo, a formação do self.

Os sujeitos sociais dessa pesquisa são vestibulandos, estudantes de 3º ano do Ensino Médio que estão se preparando para ingressar na Universidade. São doze alunos<sup>2</sup> cujos nomes foram preservados, e não apresentadas ao longo do artigo. O máximo que é apresentado são as siglas de seus nomes. Seis<sup>3</sup> estudantes do Ensino Médio da Universidade Tecnológica do Paraná e seis do Colégio Militar de Curitiba. Isso porque, ao buscar as duas melhores instituições de Ensino Médio de Curitiba, tomando como critério as notas dos colégios no Enem, encontramos em primeiro lugar os cursos técnicos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e em segundo lugar o Colégio Militar de Curitiba<sup>4</sup>.

Diante da preparação para o vestibular, os professores e pais se veem em um momento diferente: de alguma forma querem preparar esses vestibulandos, trabalhando sua visão de mundo. Para isso, a mídia, o telejornal principalmente, é usado como ferramenta e fornecedor de conteúdos e informação. A escola e a família, nesse sentido, podem ser determinantes ao debater temas midiáticos, pois assim, estimulam o jovem<sup>5</sup> a assistir aos telejornais, ou mesmo na escolha de telejornais.

Dos doze entrevistados, seis eram da UTFPR e seis da CMC. E desses seis de cada colégio foram divididos ainda em duas categorias: alunos que tiveram contato com infectados pela gripe suína, ao todo três, e três que não tiveram contato.

No site de relacionamentos Orkut foi colocado em comunidades da UTFPR e CMC tópicos sobre essa pesquisa no dia 14 de agosto de 2009, convidando os estudantes a participarem da pesquisa. O site de relacionamentos Orkut foi utilizado para que não houvesse influência de escolha do pesquisador, e sim boa vontade do estudante<sup>6</sup>.

Como o foco da pesquisa foi o tema midiático mais recorrente no segundo semestre de 2009, a Gripe suína, houve o cuidado de escolher um aluno que tivesse conhecido alguém com a doença ou tivesse contato com algum caso, intercalando com outro que não teve contato, para assim formar as duas categorias desejadas: os que tiveram contato e os que não tiveram. A decisão por essas duas categorias é com o propósito de identificar se há diferentes interpretações em pessoas que somente souberam da doença pelos telejornais, e outros meios de comunicação, e quem teve contato – ou interação face-a-face<sup>7</sup> (Thompson, 2001) – com a gripe suína.

A questão de um aluno primeiro apontar os demais é para que dessa forma um círculo social fosse formado para as entrevistas. Quando esses seis alunos<sup>8</sup> estavam determinados, um por vez, foi aplicada a entrevista, com um questionário de 42 perguntas. Com o roteiro de entrevista semi-estruturada foi perfilado o aluno, seus interesses, gostos, atividades, o perfil da família, a relação do aluno com os meios de comunicação, com a televisão em específico e com telejornais. As últimas perguntas são destinadas ao debate entre mediação escolar, familiar e demais mediações, e a visão desse jovem perante as matérias sobre gripe suína veiculadas nos telejornais.

Como as aulas foram suspensas no dia 30 de julho de 2009, por motivo de segurança, houve um recesso no calendário escolar. O Colégio Militar do Paraná manteve duas semanas de recesso, voltando no dia 17 de agosto. Já a Universidade Tecnológica Federal do Paraná iniciou suas aulas após três semanas, no dia 24 de agosto.

Assim que as aulas voltaram ocorreram as entrevistas. A escolha por uma data logo após o retorno foi proposital, para que o tema ainda estivesse muito presente na lembrança e no cotidiano dos entrevistados.

A coleta foi realizada em áudio<sup>9</sup> pois “a gravação é um registro muito mais fidedigno e preciso de um encontro do que um registro simplesmente escrito. Todas as palavras empregadas estão ali exatamente como foram faladas” (THOMPSON apud MARINHO, 2005, p.9).

## Mediações

Para entender as representações criadas pelos entrevistados e as mediações presentes nas falas, fundamenta-se o conceito. Orozco (2006) entende por mediação uma forma de classificar uma ideia polimorfa, de um elemento que possibilita a conversação de uma realidade em outra. Além disso

*mediación designa los factores que permiten y promueven los flujos simbólicos entre los agentes sociales, favoreciendo y caracterizando la co-determinación y el equilibrio de fuerzas, encierra, entonces, la idea de movimiento y de la condiciones de producción<sup>10</sup> (idem, p.57)*

Martin-Barbero (2006) aponta que deve-se abandonar o mediocentrismo, focando-se não nas lógicas de produção e recepção<sup>11</sup>, mas sim pensar nas mediações – “lugares dos quais provem as construções que delimitamos e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (p.295). Esses ambientes podem ser os próprios meios de comunicação, sendo articuladores de sentido que os processos econômicos e políticos têm para com a sociedade. Barbero utiliza-se das funções políticas e econômicas dos meios de comunicação, em especial a televisão, além do poder simbólico, pois “a televisão não traz consigo apenas um maior investimento econômico e uma maior complexidade de organização industrial, mas também um refinamento qualitativo dos dispositivos ideológicos”. (2006, p.252) Ainda segundo Jesús Martin-Barbero, a mediação se dá na instituição, na situação e nos grupos. Aplicando esse conceito a essa pesquisa, a mediação encontra-se nos colégios, seja em forma de conversa com colegas ou professores, nas casas, com pais ou parentes, na situação/caso que se pesquisa, o pico epidemiológico da gripe suína em Curitiba e, por fim, no grupo de estudantes de 3º ano do Ensino Médio. Todas essas instituições mediadoras geram traços, fazendo-se importantes no momento do resgate comunicacional e cultural pois,

*não existe emissor/receptor indivíduo. As instituições tradicionais estão em crise. Temos o fenômeno da mediática, que é o processo de mediação estrutura. Por isso, o lugar da cultura é como se fosse o lugar da identidade. Ela é o pivô reestruturador do lugar político. É a visão da cultura como mediação. (GOMES, 1998, p.27)*

Além da divisão das instâncias onde o sujeito social encontra-se, e os meios de comunicação como mediadores, Barbero propõe três lugares de mediação: a cotidianidade familiar (apontada nesse trabalho como mediação familiar e cunhada por Silverstone (1994) o termo domesticidade) e a competência cultural (p.295).

## Mediação escolar

A mediação escolar está presente nessa pesquisa já quando se buscou jovens estudantes, inseridos em dois colégios diferentes, em uma época específica – o exame vestibular prestes a acontecer. Apropriando-se das falas dos entrevistados, a maior parte destes veem na escola o principal ambiente de debate sobre temas mediáticos, inclusive sobre o caso gripe suína<sup>12</sup>. Os meios de comunicação, nesse caso a televisão, estão inseridos na paisagem cultural desses jovens. A escola, nesse sentido, é estruturante e configura uma interação entre as audiências – jovens – e os meios.

## Telejornalismo e a pandemia: Mediações e representações de jovens sobre a gripe suína

*Quando se indaga sobre o que são as mediações, o que se propõe é identificar aqueles percursos de produção de sentido (toma-se como ponto de partida o consumo cultural, a apropriação, recusa ou resistência) (OROFINO, 2005, p.33)*

A partir dessas premissas de interação, pode-se chegar a conclusão que as mediações farão transformações nos significados de textos, imagens, discursos, eventos, etc. “A escola é, portanto, um cenário social em que se efetiva esta circulação de significados e sentidos produzidos pelas e sobre as mídias”. (idem, p.33) Isso porque, como coloca Braga (2001) a escola é um campo potencialmente para debates, experimentações e conflitos de ideias. “Trata-se, em suma, do conjunto de materiais simbólicos disponíveis e/ou em circulação na sociedade”. (idem, p.42)

A mediação escolar com relação aos temas midiáticos, particularmente ao caso da gripe suína, deu-se de duas formas ou movimentos: o primeiro quando o professor pede para o aluno estar atento aos temas recentes, assistir ao noticiário, ou diante da própria necessidade de escrever uma redação preparatória para o vestibular o aluno informa-se.

*O papel do professor aqui é visto pelo ângulo de sua competência de escuta, e de facilitação das articulações necessárias entre “conhecimentos e competências” por um lado, e bases vivenciais/culturais do estudante, por outro”. (idem, p.50)*

E a segunda mediação é o debate em sala ou na escola. Este se dá quando o aluno já teve contato com os temas midiáticos e agora troca saberes, significações para chegar a uma formação de opinião.

*Este ângulo da interface corresponde portanto ao encontro entre o sistema escolar e a própria “sociedade de comunicação” – e é relacionado à necessidade educacional de formar e socializar estudantes para esta. (idem, p.59)*

Além da escola como espaço de encontro de opiniões e materiais midiáticos, temos a primeira instância presente na formação de opinião: a família.

### Mediação familiar

A mediação familiar ao redor do meio de comunicação televisão é a forma mais apresentada pelos entrevistados. A maioria assiste a televisão com sua família, principalmente ao telejornalismo, e comentam sobre o que está sendo apresentado<sup>13</sup>.

A família, quando instância de consumo, expressa uma situação social complexa, onde expressa-se “diferentes pautas de cohesión y disgregación, de autoridad y sumisión, de libertad y constreñimiento<sup>14</sup>” (SILVERSTONE, 1994, p.64) através das relações conjugais, de parentescos, fraternidade e para com o mundo exterior. Dessa forma, como coloca Silverstone, a família sem dúvida é a unidade social em que se produz a maior parte do nosso consumo de meios de comunicação. Nesse contexto a televisão está relacionada a diversas funções:

*usada como compañía, forma de evasión, mediadora, señaladora de las fronteras individuales dentro de la familia, referente para programar otras actividades, premio o castigo, elemento de negociación, etc.<sup>15</sup> (idem, p.64)*

Quando os alunos são questionados sobre com quem eles conversaram sobre gripe suína, falas como essa são apresentadas: “(C.R.S.) Acho que só com minha mãe, que ela trabalha em uma indústria, daí quando um funcionário está com suspeita, tem que dar uma afastada”. Podemos observar que em diversas falas a mãe é apresentada como a pessoa que mais se preocupou com a doença.

Ligando diretamente o aparelho televisor na sala e o momento da família assistir ao telejornal, onde retratava números, mortes, novidades, hospitais, enfim, a situação da pandemia de gripe suína, atesta-se pelas falas que a tradicional preocupação familiar esteve muito presente como mediadora das informações sobre o tema.

### **Outras mediações**

Durante as entrevistas observou-se outras instâncias ou pessoas, que não membros da família ou da escola, que também fizeram parte da mediação sobre o caso gripe suína. Namorados, médicos, amigos ou conhecidos foram mencionados como contatos que manifestaram a gripe, ou pessoas que explicaram pontos sobre a doença e tornaram-se principal fonte de conhecimento sobre o assunto.

De primeira conversa todos os entrevistados receberam informações midiáticas<sup>16</sup>, principalmente da televisão e telejornais, e como elemento fundamental para formação de opinião.

*O confronto da televisão com outros meios disponíveis para os adolescentes, mesmo que essa disponibilidade seja limitada, acaba oportunizando uma leitura crítica da televisão pelos jovens no que se refere a alternativas, opções, padrões estéticos, etc. (GOMES, 1998, p.136)*

Com os amigos<sup>17</sup>, grupo de grande abertura para diálogos, considera-se como parte da mediação escolar. Já para o outro entrevistado a conversa foi com um médico<sup>18</sup>. Grupos de jovens de igrejas, grupos de atividades de lazer ou extracurriculares não foram citados como instâncias mediadoras.

### **Relação entre o que foi apresentado pelo telejornalismo e as mediações**

Seis dos doze entrevistados tiveram contato direto com a gripe suína, a outra metade teve acesso somente pelos meios de comunicação<sup>19</sup>. Para a análise foram selecionadas as falas que de alguma forma revelavam uma mediação entre sua opinião e o tema gripe suína. Em primeiro lugar analise-se alguns entrevistados que não tiveram contato com a gripe suína:

Um estudante da UTFPR, que não teve contato direto com a gripe suína, diz que retirou suas primeiras informações sobre a doença do telejornalismo. Em sua fala faz uma crítica aos laboratórios que fabricam os remédios para combater a gripe A:

*(F.A.F.) Uma gripe que é um pouco mais forte que a gripe normal, só que a mídia se aproveitou disso para ter audiência, porque ela precisa de alguma coisa pra passar no jornal. E a mídia também, o fabricante do remédio também tem interesse, interesse que venda. Porque ele tem a patente sobre esse remédio. Daí é lucro pra imprensa e pro fabricante do remédio.*

Curioso observar que o jovem liga a imprensa e o fabricante de remédio, quase como uma teoria conspiratória para ganhar dinheiro. Um jovem do mesmo colégio e categoria, em um primeiro momento, achou que a doença seria muito grave, e depois, adquirindo mais informações, pelo telejornal, amenizou essa ideia<sup>20</sup>. O estudante até traça uma linha de como foi a gripe suína revelada pelo telejornalismo: “Eu achei que pelos dados que foram mostrados no começo parecia que ia ser algo espantoso. Mas logo em seguida eles foram mostrando que era uma doença controlada”. O mesmo entrevistado coloca duas medições importantes para sua opinião:

*Os professores comentaram um pouco. Comentaram sobre a prevenção que estava sendo aplicada no colégio, recomendações para não correr o risco de pegar a doença. Discuti mais com a minha mãe, que ela trabalha em escola daí ela sabe da prevenção que ela também está aplicando em casa.*



## Telejornalismo e a pandemia: Mediações e representações de jovens sobre a gripe suína

Na fala acima a escola fez um papel de alerta para cuidados, já a mãe transmitiu as falas da escola onde trabalha papa dentro de casa. A fala a seguir é de uma jovem que não teve contato e é do Colégio Militar de Curitiba. Diz leu artigos na internet, viu muito telejornal, viu médicos nos canais de televisão a cabo, mas fez uma relação com um caso que seu pai contou e o que estava sendo revelado pelo telejornalismo:

*(N.V.P.) Eu escutei, na verdade, meu pai. A mulher do amigo do meu pai é enfermeira. Então ela disse que tinha muitos casos. Mas os jornais não diziam isso. Tanto é que, depois de um tempo, eles falaram que iam divulgar de uma em uma semana. Acho que não era completa para não criar pânico. Elas [a população] não saberiam dividir. Ela [enfermeira] disse que tinha aumentado dentro do hospital.*

Quando questionado sobre onde mais conversou sobre a gripe suína e a cobertura do caso a estudante coloca que foi principalmente no colégio, antes e depois do recesso. Coloca ainda o fator medo que a gripe suína despertou em parte da população: “Então, todo mundo está com medo, todo mundo toda hora fica passando álcool na mão. Mas eu não tenho certeza se as pessoas passam porque estão vendo na frente ou fazem isso o dia todo”.

Os jovens acima citam muitas vezes a mãe como zeladora e conversando sobre cuidados, isso se repete no jovem abaixo, do Colégio Militar de Curitiba, que conta sobre dados que sua mãe teve acesso e o papel que desempenhou durante o pico endêmico da doença:

*(J.G.) Minha mãe trabalha em cemitério então estava morrendo mais gente do que eles estavam falando. Minha mãe teve contato com muitos suspeitos. Os parentes da pessoa que tinham falecido tinham contato com ela. Daí o caixão vinha fechado, lacrado. (...) E eles nunca diziam no obituário que era da gripe. Era sempre alguma coisa tipo pneumonia ou parada respiratória. Pneumonia com parada respiratória. Ou estava confirmado ou só os médicos sabiam. Eles davam outro nome. (...) Não dá pra dar bobeira. Mas se pegar, tratar como gripe normal. Com minha mãe também. Ela estava muito paranóica. Ela não deixou eu sair de casa enquanto eu não tive aula.*

O jovem coloca o professor e seu prestígio muito presente na formação de uma opinião, principalmente o professor de biologia que disse que a doença não era nada demais. “Se você pegasse gripe não morreria, era uma gripe normal. (...)E como eu respeito muito os professores. Eu sei que eles sabem muito mais que a minha mãe. Acho que era por isso que eu contrariava as opiniões da minha mãe”. Nota-se que nesse caso houve um conflito entre mediações, a escolar se sobrepôs a familiar, o que não aconteceu nos outros casos, onde os jovens levavam em consideração tanto o que um dizia, quanto o outro, sempre com aportes no telejornalismo e imprensa em geral.

Para comparação, analisa-se agora a fala dos entrevistados que de alguma maneira tiveram contato com a gripe suína, seja de algum membro da família ou namorado.

A primeira fala é de uma jovem do Colégio Militar de Curitiba. Ela diz que conversou com todas as pessoas com quem teve contato sobre a gripe suína. A tia dela pegou a doença e conta que ficou isolada, por ter tido contato direto. Essa suspeita acarretou um envolvimento de toda a família. Quando questionada se ela via semelhanças entre o que o telejornalismo mostrava sobre a gripe suína e o que ela viveu, a estudante apresenta que os sintomas eram exatamente como eram mostram, porém, diz que poderiam se confundir, e até a tia descobriu a doença indo ao médico por outro motivo. Ela ainda narra um episódio que viveu durante o pico da doença:

*(I.S.S.) Uma fila gigante, o pessoal desesperado, fazendo mutirões para poder dar conta. Mas não tinha, depois que o pessoal ficou com medo, qualquer sintoma, o pessoal ia pro hospital, então não tinha como desafogar aquilo. Quando eu fui ao hospital discutir com um médico. Eu fui ao médico porque eu estava com dor de garganta, então na dúvida. Eu estava com amidalite. Então depois que ele me examinou eu comecei a tirar as dúvidas. ‘Já que o senhor é médico.*

*está aqui, será que o senhor poderia tirar as minhas dúvidas?’ E daí ele foi explicando a situação. Como estava, quantos leitos, quantos pacientes atendendo. E dali eu consegui tirar um parâmetro mais bacana e poder filtrar o que estava vendo.*

A estudante, nesse caso, foi direto à uma fonte buscar e esclarecer suas dúvidas. Dessa forma surge um outro tipo de mediação: a mediação médica ou especializada. É como se a jovem tivesse feito o papel de um jornalista e ter ido buscar a fala de alguém da área para formar sua opinião. A próxima fala é de uma jovem da UTFPR, contanto o que achou da cobertura do telejornalismo. Ela achava que era uma situação controlada, pelo que era televisionado, que havia médicos e remédios para todos. O caso com o qual ela teve contato foi o do irmão.

*(J.C.H.) Mas ele pegou bem um pouco antes de fecharem a escola e tudo. Daí a gente ficou em casa. Fomos na clínica, daí já tinha casos da gripe, o médico conseguiu dar o remédio para ele. Porque, sabe, aquelas coisas que estavam mostrando, febre do nada, foi bem assim. Mas deu um medo. Ele ficou bem mal, um dois dias. Nossa. Daí depois passou. Bem de boa.*

Além da mediação de um caso na família, anteriormente, a menina obteve informações sobre a gripe suína com o namorado, com a irmã e uma amiga.

*Eu não sabia que estava tão sério, daí quando conversei com meu namorado ele falou que estava mais sério, daí passei essa informação pra família, minha irmã também falou que estava mais sério. Minha amiga falou que a amiga dela estava, mas estava escondendo com medo que excluíssem ela. Daí foi meu irmão. Daí eu vi que estava sério.*

A jovem a seguir é do Colégio Militar de Curitiba e os pais tiveram gripe suína. Conta que antes dos casos na família, achava que era uma pior, extremamente grave, atentando, porém, que ainda considerava grave, mas que sempre teve noção que o índice de mortalidade era o mesmo de uma gripe comum. Assim como entrevistados que não tiveram contato com a gripe suína, essa jovem também acha que é uma doença para ganhar dinheiro. “(J.S.C.) E isso pra mim é uma doença inventada pelos Estados Unidos para vender remédio porque a patente do Tamiflu<sup>21</sup> é deles e eles estão ganhando rios de dinheiro só que o tiro saiu pela culatra porque muitos estadunidenses acabaram pegando a gripe e sendo um problema também”. A entrevistada coloca ainda algumas considerações sobre a relação que estava sendo mostrada no telejornalismo e o que viveu:

*Mas eu vejo que ela não é tão forte porque veja, na minha casa, eu, meu namorado, minha irmã e o namorado dela tivemos contato direto com meu pai e minha mãe e não tivemos nada então não é tão contagiosa como se diz. Eu ficava do lado da minha mãe e ela teve gripe suína.*

Assim como outros entrevistados a jovem chega a conclusão que a cidade não estava preparada para a pandemia e só não viveu momentos piores porque a família possui plano de saúde. Quando a mãe, primeira da casa a contrair a doença, foi para a clínica, eles possuíam o Tamiflu para receitar<sup>22</sup>.

A estudante acrescenta que na semana da entrevista foi a mesma clínica que sua mãe foi e a situação não era alarmante. Não haviam tantos pacientes, médicos não estavam mais de máscara. A próxima fala é de um jovem do Colégio Militar de Curitiba. Diz que a gripe suína vai ser esquecida como a gripe aviária. Pela experiência que teve com o contato com a namorada e a família dela, que contraíram gripe suína, acha que é uma gripe que pega com facilidade, com rapidez e é forte, mas não teve pânico como era revelado nos telejornais<sup>23</sup>.

O jovem coloca ainda que a mãe esteve sempre preocupada, sem muito medo, e apesar do contato com a família da namorada, não criou pânico, para ele era apenas uma gripe. Além disso, o jovem fez como muitos entrevistados: procurou um médico<sup>24</sup>, um especialista, que nessa pesquisa cunha-se como mediação médica.

## CONCLUSÕES

O comportamento em relação à gripe suína se orienta por representações e passa por mediações. Essa afirmação conduz aos resultados e conclusões dessa pesquisa. O foco é o conteúdo apresentado pelos telejornais sobre gripe suína revelado pela fala dos entrevistados, os quais já foram analisados.

Pelas análises chega-se a algumas conclusões e confirmações/refutações de hipóteses. Confirmou-se que as múltiplas audiências foram necessárias para a formação do self - processo que tem relação com interpretação, compreensão, discussão, interação e formação de uma opinião (GUARESCHI, 2002) - dos entrevistados com relação à gripe suína, percebendo-se em falas que citavam diversos meios de comunicação, além de escola, família e amigos para formação do self. Essa confirmação vem com a análise dos itens de instâncias mediadoras e formação de self, onde é apresentada a mediação escolar, mediação familiar e mediação médica como as mais recorrentes nas falas. A escola aparece como local de prestígio, principalmente os professores, pela formação científica e acadêmica. “Os professores sabem mais do que a minha mãe”, como afirma Jackson. A família, pela domesticidade e como primeiro núcleo de formação, também concentra discussões sobre telejornalismo e gripe suína. “Meu pai pede para eu assistir o Jornal Nacional todo dia”, conta Janaína. Especificamente no caso da gripe suína, uma doença nova, a mediação especializada/médica foi inserida por alguns entrevistados que tiveram contato pessoal com a doença. Como por exemplo, Ilana conta que perguntou ao médico: “Já que o senhor é médico, está aqui, será que o senhor poderia tirar as minhas dúvidas?”. Além de amigos e namorados em menor grau. Essas mediações e as mais diversas representações sociais participaram da organização de leitura sobre a oferta telejornalística. Tem-se depoimentos colocando a escola, família e diversas instâncias como auxiliadoras na recepção de conteúdo sobre gripe suína.

Foi refutada a hipótese que pela domesticidade televisiva o telejornal seria meio de confiança. Isso porque as leituras sobre telejornalismo apresentaram representações como “exagerado”, “fraco” e “superficial”, além de “tendencioso”. O conteúdo, neste contexto, somente se torna confiável quando passa por alguma instância de confiança – como a escola, os pais ou médicos.

A sobrecarga simbólica foi um ponto das falas, pois “não se sabe em quem confiar”, como diz Talita. São tantas informações, mediações, que alguns jovens não sabiam ao certo qual era a realidade e em quem deveriam acreditar.

Em todos os pontos os jovens que tiveram contato com a gripe suína e os que não tiveram contato pessoal não apresentaram diferentes visões/falas/colocações, sob o aspecto do contato com a doença. Porém, alguns sem contato mostraram-se mais preocupados com informação sobre prevenção – já que ainda não adquiriram a gripe suína.

Antes de revelar algumas representações, o item sobre a formação de opinião expõe que os entrevistados acham que para formar um self coerente sobre gripe suína é preciso passar por conversas e debates.

Com relação às representações sociais ao redor da gripe suína, foram apresentadas pelos entrevistados algumas teorias sobre a origem do vírus H1N1: o vírus seria o mesmo da gripe espanhola, a doença seria uma criação dos Estados Unidos para ganhar dinheiro, o vírus seria uma mutação ocorrida no porco, e, além de outros, a gripe suína seria criada pela mídia, juntamente com a indústria farmacológica, para ganhar dinheiro. Isso significa que não existe uma representação única, por parte dos entrevistados, sobre a doença.

Em compensação, em todas as entrevistas pode-se notar que houve uma ‘linha do medo’. Quando as notícias sobre a gripe suína em Curitiba começaram a ser diárias, isso em julho, agosto de 2009, o medo das pessoas aumentou, pois não tinham conhecimento sobre a doença, tanto que diversos entrevistados buscaram informações no telejornalismo, internet, com médicos, etc. Quando as aulas voltaram, situação em que foi realizada as entrevistas, o medo já havia diminuído. Diversas falas apontam que, tanto pelas notícias que foram mudando de foco, quanto pelo contato com a doença que alguns entrevistados tiveram,



o fator novidade desapareceu.

Outros entrevistados apontam que ainda na volta das aulas existia o medo e precaução – por isso passam álcool em gel nas mãos e tomam certos cuidados. E ao contrário, alguns não sentiram medo, ou porque acharam a doença familiar, ou porque não soube de ninguém com a doença, tornando-a distante. Essas ideias encaixam-se na representação social de um novo fenômeno, algo desconhecido. “Objetos sociais estranhos evocam medo, porque eles ameaçam o sentido de ordem das pessoas e sua sensação de controle sobre o mundo” (GUARESCHI, 2002, p.238). Isso porque “uma vez representado sob uma feição mais familiar, o objeto social se torna menos ameaçador” (idem).

Os dois últimos itens da análise focam-se no telejornalismo. Primeiro sobre a comparação de conteúdo entre telejornalismo e outros meios de comunicação. Segundo as análises, a) o telejornal era mais superficial na cobertura sobre gripe suína que outros meios de comunicação; b) era exagerado e apresentava uma doença altamente perigosa e letal; c) o telejornalismo apresentou a gripe suína como tema principal da época; d) o telejornalismo apresentou a realidade sobre exames, situação de hospitais, etc. Assim como os entrevistados fizeram observações com relação ao conteúdo comparativo, essas críticas também foram direcionadas à cobertura telejornalística em específico sobre o caso do pico endêmico da gripe suína em Curitiba. A maioria dos jovens que tiveram contato pessoal com a doença afirmam que o telejornalismo exagerou em dados e ênfase – o que viveram na vida pessoal não merecia tanto pânico. E que o telejornalismo brasileiro sobre os fatos de maneira igual, não interessando a emissora ou horário que passe – todos deram a mesma importância e enfoque.

Complementando as informações do telejornalismo, a internet foi o meio de comunicação apontado pelos entrevistados oras como confiável para encontrar informações sobre a doença, oras local de conteúdo irresponsável.

Os jovens da entrevista souberam sobre a situação da gripe suína a partir de documentários, telejornais, pessoas que conheceram pessoas, ou pessoas que trabalhavam na área de saúde, etc. Isso porque a mídia cria o que Thompson cunha como participação quase-interação mediada. As representações sociais criadas pelos entrevistados que tiveram contato pessoal, quanto não tiveram, em certa medida, passam por essa quase-interação. “Materiais simbólicos mediados são recursos ricos e variados para o processo de formação do self, embora não sejam os únicos nem os principais” (2001, p.190). O autor coloca ainda a importância da interação face a face – aquela que acontece entre membros da família, escola, etc. – mas atenta que o indivíduo pode confiar mais nos materiais simbólicos mediados, do que na interação face a face, para a formação do self. Isso acontece em falas como a de Janaina (cujo os pais tiveram gripe suína) e Jackson, que não teve contato.

Ambos assistiram a um documentário no Youtube, e mesmo Janaina tendo vivido a doença na família, levou a colocação do filme como verdadeira. Mas, por outro lado, os dois compartilham dessa mesma opinião porque, dentre outros motivos, possuem interação face a face, são amigos, e conversaram sobre o tema.

*A comunicação de massa, as discussões e conversações com parceiros na família, com colegas no trabalho e com pessoas nas ruas, tornam outros grupos e suas ideologias transparentes. É a isto que se refere a reflexividade de grupos na sociedade moderna: primeiro, saber o que o meu grupo conhece; segundo, ter uma ideia dos sistemas de conhecimento dos outros grupos (MOREIRA, 1998, p.12).*

Esse estudo concentra-se no caso de 2009. Apresentou-se aqui algumas mediações e representações que, em um segundo momento de pico endêmico, e com outros estudantes de 3º ano do Ensino Médios dos colégios apresentados, ou outros, poderá ser diferente. Como foi apontado no item “Gripe suína: superdosagem”, os casos não pararam de crescer. Segundo previsões a gripe suína voltará em 2010 mais forte<sup>25</sup>.

## Notas

<sup>1</sup>As discussões presentes nesse artigo são resultado da monografia de conclusão de curso defendida no curso de Comunicação Social – Jornalismo, nas Faculdades Integradas do Brasil, em 2009. Discussões preliminares e que deram embasamento a essa pesquisa foram apresentadas no XII Seminário de Inverno da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009; no II Seminário Internacional sobre cultura, imaginário e memória da América Latina. Imaginários juvenis Latinoamericanos: Participação, Cultura e Sociabilidade. Curitiba, 2009; na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009 e na VII edição do Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo. Maringá, 2009.

<sup>2</sup> Todos são de classe média e moram com os pais. Todos estudam no turno da manhã e têm de 17 a 18 anos.

<sup>3</sup>O número de seis entrevistados, totalizando 12, em cada instituição segue uma linha da representação social onde a determinação numérica não é o mais relevante, pois o que vale são os depoimentos reveladores da realidade social. (MOREIRA, 1998)

<sup>4</sup> Disponível em: [http://educacao.uol.com.br/ultnot/2008/04/04/enem2007\\_melhores\\_curitiba.jhtm](http://educacao.uol.com.br/ultnot/2008/04/04/enem2007_melhores_curitiba.jhtm) acessado em 17 de julho de 2009.

<sup>5</sup> A categoria chamada juventude engloba adolescência e começo da vida adulta. Segundo a Organização Panamericana de Saúde e da Organização Mundial da Saúde, a adolescência é um processo biológico onde ocorre o desenvolvimento da aprendizagem e da própria personalidade, iniciando durante a pré-adolescência (10-14 anos) e passando para adolescência (15-19 anos). Segundo Waiselfisz (apud SALLAS, 1999) o conceito de juventude indica um processo sociológico de amadurecimento e preparação para a vida adulta, ocorrendo dos 14 aos 24 anos. Em síntese, juventude é entendida como um processo, uma etapa transitória da dependência para a independência. Da infância para a vida adulta.

<sup>6</sup> Como suporte para a opção por utilizar o Orkut, a teoria das Representações Sociais diz que não existe um método específico para chegar a verdade, valendo-se até de métodos experimentais. “Em síntese, minha posição pessoal é de que a TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, mesmo que isso possa suscitar resistências ou discordâncias entre nós, permanecerá criativa por tão longo tempo, o quanto ela souber aproveitar as oportunidades que cada método disponível possa oferecer”. (GUARESCHI, 2002)

<sup>7</sup> A interação face a face acontece num contexto de co-presença; os participantes estão imediatamente presentes e partilham um mesmo sistema referencial de espaço e de tempo. Por isso eles podem usar expressões denotativas (“aqui”, “agora”, “este”, “aquele”, etc.) e presumir que são entendidos. (...) Uma outra característica da interação face a face é que os participantes normalmente empregam uma multiplicidade de deixas simbólicas para transmitir mensagens e interpretar as que cada um recebe do outro. (THOMPSON, 2001, p.78)

<sup>8</sup> Estes alunos deveriam ser do terceiro ano da instituição, estarem se preparando para o vestibular e assistirem a telejornais. O primeiro voluntário de cada colégio se apresentou pelo Orkut. O da UTFPR no dia 19 de agosto de 2009 e do CMC no dia 20 de agosto de 2009. Foi explicada então a proposta, via telefonema, e foi pedido para que eles apontassem um colega do mesmo ano, passando o contato deste. Foi feito assim sucessivamente, um aluno indicando outro até chegar em seis alunos de cada instituição.

<sup>9</sup> A coleta de dados foi realizada por meio de um gravador, deixando cada um livre para responder no tempo que achava necessário.

<sup>10</sup> Mediação designa os fatores que permitem e promovem os fluxos simbólicos entre os agentes sociais, favorecendo e caracterizando a co-determinação e o equilíbrio de forças, contém, então, a ideia de movimento e das condições de produção. Tradução livre.

<sup>11</sup> Nesse artigo entende-se por receptor um indivíduo que não é um mero receptor de informações, ele é interativo. A recepção é um processo complexo, situado em diversos cenários e que contempla estratégias e negociações dos sujeitos para com os meios que sofrem apropriações (OROZCO, 2001).

<sup>12</sup> “(I.S.S.) Quando a gente escuta aqui no colégio um professor falando alguma coisa. O professor tem

muita confiança, quando ele expõe alguma coisa, normalmente você está ouvindo melhor”. OBS: As falas citadas de formas diretas pelos entrevistados estão sempre marcadas com as letras iniciais de seu nome, por mera questão de identificação e diferenciação.

<sup>13</sup> (J.S.C.) Meu pai quer que eu sempre veja Jornal Nacional. Sim. A gente discute dependendo do assunto. Agora estava muito em alta a gripe suína, daí a gente discutia quem estava sendo muito exagerado. O que estava sendo escondido. Política também.

<sup>14</sup> Diferentes padrões de coesão e separação, de autoridade e submissão, de liberdade e restrição. Tradução livre.

<sup>15</sup> Usada como companhia, forma de fuga, mediadora, sinalizadora dos limites individuais dentro da família, referência para programas outras atividades, prêmio ou castigo, elementos de negociação, etc.

<sup>16</sup> “(C.R.S.) Vi num jornal, ela já recebeu esse nome já na contaminação com os porcos”.

<sup>17</sup> (F.A.F.) Sim. Com colegas de sala. A gente fala se a gripe mata muita gente mesmo, se é invenção da mídia. Eu cheguei a conclusa que é um misto, que não é uma coisa muito grave, nem muito leve, um meio termo.

<sup>18</sup> (G.L.O.) Conversei com alguns médicos que são amigos da nossa família. Da internet percebi uma questão mais de segurança, aquilo que a mídia falava. Os médicos falaram que deve-se tomar cuidado. (...)

<sup>19</sup> A decisão por essas duas categorias é com o propósito de identificar se há diferentes interpretações em pessoas que somente souberam da doença pelos telejornais, e outros meios de comunicação, e quem teve contato – ou interação face-a-face (Thompson, 2001) – com a gripe suína.

<sup>20</sup> “(L.A.F.) Eu achei que ela seria uma doença que matasse muito rápido, muito forte. Daí com mais informações eu vi que era fácil de controlar, era uma gripe um pouco mais forte só. Minha opinião é basicamente do telejornal”.

<sup>21</sup> Principal anti-gripal usado no combate à gripe suína no Brasil.

<sup>22</sup> “Só que o resultado do exame se ela tinha o H1N1 veio duas semanas depois, então é muito relativo. O médico do meu pai mandou ele tomar aqueles remédios tipo Sinegripe, ele desenvolveu uma pneumonia, não mandou ele fazer exame nenhum, nem nada. Eu acho que foi uma falta de preparação. Minha mãe só pegou por causa do meu pai. Minha mãe tem lúpus então a saúde dela é muito frágil, muito frágil, então desse médico eu fiquei com muita raiva, muita raiva”.

<sup>23</sup> (M.G.S.) A gente escutava que tinha milhões de pessoas na UTI. Sabe, causando pânico mesmo. Tinha que cuidar, quem estava com a imunidade baixa, quem tem problemas, claro, falaram que até pessoas fortes iam. E eu na vi isso, porque nenhuma delas tem agravante e sofreram como uma gripe mais forte. Mas ficou tudo bem, acho que os telejornais exageraram.

<sup>24</sup> “Procurei um primo meu que é médico. Ele falou que é uma gripe mais forte, que tem que tomar cuidado, mas quem não tem esses agravantes tipo bronquite, problema respiratório, hipertensão que não precisava se preocupar que se você pegar você pode nem desenvolver, ou só como uma gripe mais forte. Para ter uma segunda opinião”.

<sup>25</sup> Combate a gripe suína. Gripe Suína será mais forte na América do Sul em 2010. Disponível em: <http://www.combateagripesuina.com.br/gripe-suina-sera-mais-forte-na-america-do-sul-em-2010/> Acessado em 27 de novembro de 2009.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, AA.J.P de LEHFELD, N.A.S. Projetos de pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BRAGA, José Luiz, CALAZANS, Maria Regina Calazans. Comunicação e educação: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.

## Telejornalismo e a pandemia: Mediações e representações de jovens sobre a gripe suína

- GOMES, P.G. COGO, D.M.org. O adolescente e a televisão. Porto Alegre: Editora da Unisinos, 1998.
- GUARESCHI, P. JOVCHELOVITCH, S. (orgs.) Textos em representações sociais. 7ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- OROZCO GÓMEZ, G. Recepción y mediaciones: casos de investigación em América Latina. Bogotá: Grupo Editora Norma, 2006.
- OROZCO, Guillermo. Televisión, audiências y educacion: enciclopédia de sociocultura y comunicaci3n. Norma: Buenos Aires, 2001.
- MARINHO, Felipe Harmata. As vozes do telejornalismo brasileiro: um estudo de recepç3o sobre como diferentes atores sociais identificam o uso das fontes utilizadas pelo Jornal Nacional. 2005. Monografia do curso de comunicaç3o social habilitaç3o em jornalismo do Centro Universit3rio Positivo.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicaç3o, cultura e hegemonia. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- MINAYO, M.C.S. org. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 14ªediç3o. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MOREIRA, A.S.P. OLIVEIRA, D.C. de.org. Estudos Interdisciplinares de Representaç3o Social. Goiânia: AB, 1998.
- OROFINO, Maria Isabel. Mídias e mediaç3o escolar: pedagogias dos meios, participaç3o e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. (Guia da escola cidadã; v.12)
- SILVERSTONE, Roger. Televisión y vida cotidiana. Talleres Gráficos Color Efe: Buenos Aires, 1994.
- THOMPSON, John B. Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia. 3ª ediç3o. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.